

Estado de Tocantins: a nova fronteira do Brasil

O Estado de Tocantins começa no coração do Brasil: compreende o norte do Estado de Goiás. É um lugar ainda distante do progresso das regiões desenvolvidas, desbravado por forasteiros vindos de várias partes do País. Nessa área de 286.706 quilômetros quadrados, emoldurada por dois rios majestosos - Araguaia e o Tocantins - 1.100.000 pessoas vivem em 60 municípios. Se o garimpo atraiu os primeiros desbravadores, hoje a economia da região aponta para um rumo mais formal: o censo de 1985 estimou em dois milhões de toneladas a produção de grãos (destacando-se o arroz) e em seis milhões de cabeças o rebanho bovino.

Valdir Sanches
Agência Estado

A ideia da criação do Estado, registram os historiadores, vem da época do Brasil Colônia. Passou pelo Império, chegou à República e na década de 30 até uma bandeira do Estado de Tocantins chegou a ser criada. Em 1985, o Congresso aprovou por duas vezes a criação do novo Estado. Mas o presidente José Sarney vetou ambas, por achar que a instalação de um novo Estado, por mais oneroso para o País.

Mas os defensores do Estado do Tocantins, que não aceitam os argumentos de Sarney, acham tranquila a criação do 24º Estado brasileiro pela Constituição da carta do novo projeto do relator Renato Cabral e também da emenda do Centro.

Assim que o táxi parou no aeroporto, Edward pegou a mala com o equipamento fotográfico, espionou pela janela e reclamou: "Queremos ficar no centro da cidade." "Aqui é o centro da cidade - respondeu o motorista. Araguaína dominava num suntuoso fim de tarde de domingo, sem se importar em dar ar de uma possível capital do Estado de Tocantins. A porta do hotel São Vicente, na avenida principal, deserta, quarenta hóspedes solenemente e uma funcionária apática compartilhavam um sofá.

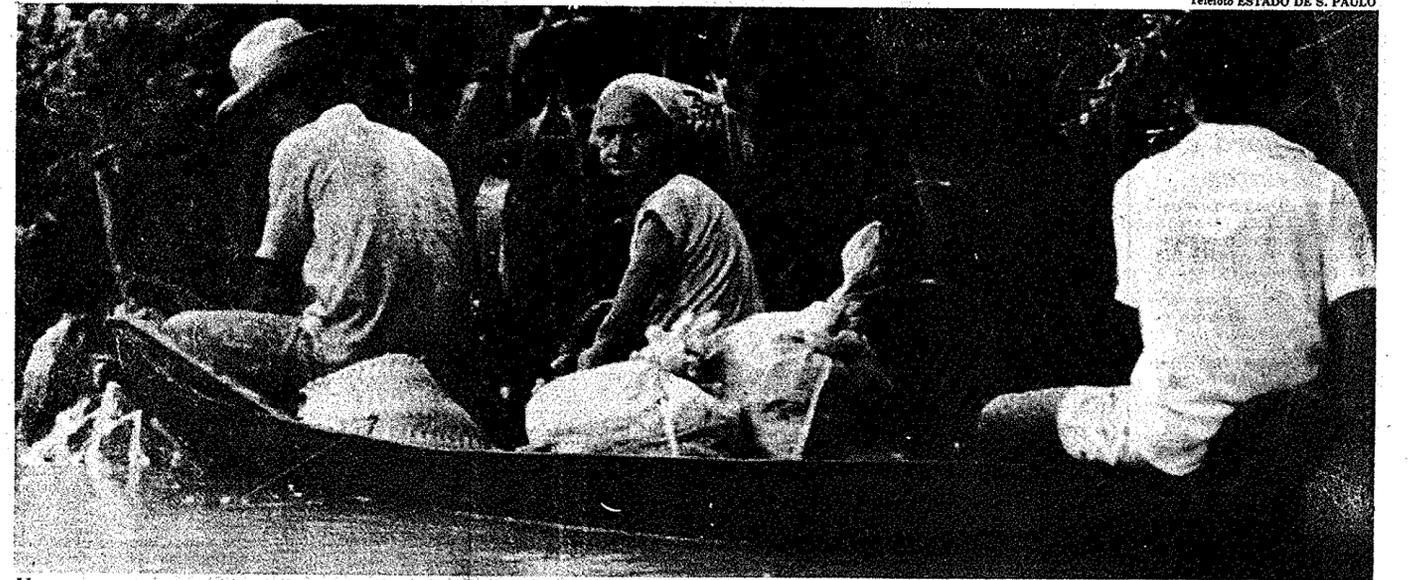
Na manhã do dia seguinte, segunda-feira, uma cidade surpreendente, movimentada e cheia de vida, mostrou-se além da porta do hotel. Com seus 29 anos de vida, Araguaína é uma das cidades que surgiram ao longo da rodovia Belém-Brasília, aberta por Juscelino Kubitschek no fim dos anos 50. O solo arenoso e o clima propício ofereciam fatura de um capim rústico, o colono, os paulistas, mineiros, gaúchos, vendiam um alqueire de terra lá e compravam cinco aqui. Surgiram as grandes fazendas. Araguaína é hoje a "capital do boi gordo".

O prefeito Corneliano Eduardo de Barros, do PMDB, diz que existem no município um milhão de cabeças de gado. E que o número de habitantes é 130.000. Em ambos os casos, prefeitos de outras cidades mero de migrantes que não pára de chegar (para viver em uma grande miséria, queixa-se o padre).

Entre Bebês e Galinhas O ônibus para Babaculândia está parado na rua da Terra sob a copa de uma árvore. A Eduardo, o motorista, não nega que haja violência. Mas ele era o vice e assumiu porque o prefeito foi assassinado em uma churrascaria por motivos políticos.

Uma parte ponderável do problema está na falta de meios para se praticar a justiça; os delegados de Polícia, civis nomeados por decreto, não têm curso superior e "não sabem instaurar inquérito". Não há juizes suficientes como prova o fato de que a maioria dos processos não é julgada.

Com duas horas e quarenta minutos de viagem, o ônibus penetra na rua comprida em que praticamente se constitui a cidade. As mães dão instruções a Pereira sobre o lugar onde quem rem descer. Por fim, depois de uma curva surge o Tocantins, barrento nesta época do ano, rápido, magestoso. Na margem está o hotel do mesmo nome. Mas que bem poderia chamar-se Chuvisco Palace.



Uma cena comum nas águas barrentas e ricas em peixes do rio Tocantins: o barqueiro atravessa de uma margem para outra os habitantes ribeirinhos

Babaculândia espera o trem de Sarney

O traçado da Ferrovia Norte-Sul passa por Babaculândia. Na cidade não há assunto mais empolgante desde que, no início do ano passado, uma equipe de geólogos começou seu trabalho aqui. João Bagana, ex-gerente do ex-único posto de gasolina da cidade (atualmente fechado) virou herói da noite para o dia. Qualquer pessoa pode indicá-lo como o homem que serviu de guia para as equipes de engenharia, e mudou o traçado da linha do trem. "A passei pelo cemitério, mas não avisei que na enchente de 1980 o Tocantins chegou até lá. E eles mudaram o traçado". Gabá-se "Bagana", na verdade João de Souza Lima.

Um Belém-Brasília e as estradas secundárias acabaram com o transporte fluvial, que movimentava Babaculândia. A cidade definiu. A sua principal rede 300 metros de calçamento recente (que passam pela casa do prefeito Alarico de Azevedo, e o povo diz que não por acaso). A arrecadação do IPTU não dá para pagar os quatro funcionários da Prefeitura. Em parte, porque muitos moradores simplesmente não pagam impostos, e a Prefeitura deixa por isso. Babaculândia produz pouco bacaba e cria bois. Tem um único posto de saúde; o médico atende duas vezes por semana. A ferrovia, portanto, aparece para a cidade como sua redenção. Mesmo que se vier o progresso esperado, o povo de Babaculândia não possui mais dormir de janelas abertas.

Antônio "Ferro", o dono do hotel, divide com "João Bagana" e o resto dos babaculândenses uma única preocupação: o rio acima, na margem esquerda, está Carolina, cidade maior do que Babaculândia. Os engenheiros contratados pela ferrovia também estiveram por ali. Esse a ferrovia passar lá, e não aqui? O medo todo é porque na margem esquerda está o Estado do Maranhão. Calina é uma cidade maranhense. "O nome do homem..." treme Antônio "Ferro" Costa. Como todos, aqui, um defensor intransigente de Sarney: "Homem muito bom, sem defeito. A coisa alteia (o custo de vida) porque tem que aceitar isso de gostos. As costas deixadas pela en-

gentaria (que dá tranquilidade aos babaculândenses), indicam que um traçado corte o início da rua principal, quando ela é mais um trecho da estrada que traz de Araguaína, e invadem o quintal de Francisco Ferreira dos Santos, um quebrador de coco do bairro. Antônio Costa o dono demonstrou nos preparativos: o rapaz que foi buscar o isopor para a cerveja não voltou, os bancos (dois pedaços de tábuas) e as redes não estavam colocados. A "Doelecliana" de Antônio é a embarcação típica do Tocantins. Com seus oito metros de comprimento, motor de 13HP e ponte de comando na popa, leva gado, mercadorias e gente. Por três mil cruzados e o rio com a nossa reportagem, até Filadélfia, no futuro Estado do Tocantins, à margem direita, e Carolina, no Maranhão, à esquerda.

O preço inclui refeição a bordo, possível apenas porque um bom cozinheiro segue junto: Edward. Com o fim das barcas de linha, apenas uma delas faz Babaculândia a Filadélfia e volta, uma vez por semana. Assim, apenas a canoa dos pescadores, e uma outra barca desgarrada, acariciam o leito de 800 metros de largura do rio. Antônio é premiado. Com pouco tempo de viagem atraca perto de uma casa, pega um plástico para o caso de tempestade (Edward aproveita e subtrai uma pequena abóbora de um imenso abobral). A viagem segue: vinte quilômetros por hora, se tanto, a barca sobe o rio lentamente.

Muitos pescadores falam no peixe grande que às vezes ataca as pessoas, o pirarará. É Antônio, com muito cuidado, faz uma referência a cobra-monstro Buina, uma espécie de monstro do local nesse Tocantins. "Mas em 37 anos neste rio, eu nunca vi cobra-monstro. Outra coisa inacreditável, mas esta seguramente verdadeira, aconteceu pouco depois: uma branquinha de peixe, no exemplo, rio, pulou para dentro da barca. Edward limpou-a com o único instrumento disponível, um grande pedaço de metal. Quase quatro horas depois, a "Doelecliana" atracou em Cana Brava, numa curva do rio. Ali ficam a fazenda e o engenho de Pinga de Archias Carneiro

Amorim, 73 anos, e seus filhos. A grande enchente de 1980 arrasou tudo. A reconstrução foi muito difícil. "Mas a gente vai vivendo, neste sossego de Deus". Os visitantes são compelidos a aceitar uma garrafa de pinga. "É pura" - esclarece Archias. E faz colorinho, percebe-se depois quando, novamente à bordo, Edward começa a preparar o almoço. As cervejas, sem isopor para mantê-las, não vieram. E pinga com coca-cola quente é um horror - mesmo sendo a pura.

Dois pacus limpos e a pobre branquinha constituíram a refeição. Antônio e dois maranhenses almoçam cedo, reservadamente, um arroz e peixe frito. Edward em ação: "Onde está a frigideira?" "M'squeci" - geme Antônio. A cozinha é um botijão de gás pequeno colocado no chão da barca. O repórter fotográfico, cozinheiro distante, usa uma bacia como frigideira. Em pouco tempo o almoço está servido (um prato e dois garfos para duas pessoas). Depois foi a vez da abóbora, temperada com cebola e sal.

A tempestade alcançou a barca às três e meia da tarde. Antônio e seus homens instalaram precariamente o precário plástico preto cheio de furos, na proa. Mas uma vez, o "ar-condicionado". No meio da chuva, Antônio "tirou" o motor para receber dois passageiros: um homem, Santiago Dourado, vendeiro em Carolina, e sua esposa que se enfiava em uma canoa. A solidariedade do ribeirinho tem mão dupla: Santiago assumiu o leme e ainda estava no posto, quando - às quatro da tarde, com sete horas e 45 minutos de viagem - Filadélfia surgiu à proa.

A cidade que foi enganada

Antes da construção da ponte, ao Sul de Conceição do Araguaia, há oito anos, quatro balsas grandes, dez pequenas e 60 lanchas atravessavam dessa cidade para Couto Magalhães, em Goiás. Agora o barqueiro Valdir, num barco com motor de popa quando estranho vence os 1.600 metros do rio grandioso (que, no Bico do Papagaio desemboca no Tocantins) Couto Magalhães devia estar na margem goiás, mas não está. Mudeou-se.

A grande enchente de 1980 arrasou a cidade. Quando as águas baixaram, os moradores tomaram uma decisão. Mudar Couto Magalhães para um lugar a sudeste de enchentes. "Mas não como foi feito" - narra um dos moradores mais antigos, João Alves Rego, 84 anos.

Esta história está na boca dos Magalhães. A nova cidade arde a 14 quilômetros de seu berço primitivo (agora chamado Couto Velho), com pouco verde para se proteger da seicheira impiedosa. Nos primeiros tempos, as mulheres faziam maratonas de fim de semana até a beira do rio, para lavar roupa. "O povo passou muita sede" - diz Ovidio Rodrigues do Amaral, candidato a vereador e motorista à frente quando estranhos desembarcaram em Couto Velho e queriam ir para o Novo. Agora há água, de poço artesiano. E luz hidrelétrica. "Mas com qualquer nuvenzinha ela zanga e se acaba" - diz.

O renascer inglório da história Couto Magalhães que leva o nome do introdutor da navegação a vapor no rio, emancipada em 1.900, trouxe-lhe também problemas práticos. O município vive de pecuária e do plantio de cereais. Mas não tem lugar para o comércio interno de seus produtos. "Não tem mercado e curral para vender carne e queixam-se os moradores. Também não tem hospital, escola, calçamento. E banco, diz Ovidio, "só de sentar". A ponte sobre o Araguaia, que tem a cabeceira goiana em Couto Magalhães ajuda bem, contudo, a cidade, a arrecadação de ICM traz um bom Fundo de Participação dos Municípios.

Índios estão em pé de guerra

Os Javanes andam revoltados mas ninguém a bordo sabia disso, para o Sul desde Duara). Durante a Guerra, nos primeiros anos da década de 40, a cidade fundada por garimpeiros exportou seu cristal - estratégico para a indústria bélica - para os Estados Unidos. Mas com o fim da guerra o interesse diminuiu. Hoje alemães e japoneses compram para fabricação de plástico, engordão, no pouco que mal dá para sustentar uns poucos garimpeiros persistentes. Mas os primeiros garimpeiros, enriqueceram. Muitos são hoje donos de fazenda - criadores de gado.

Este município de 23 mil habitantes cria o gado que lugares como Araguaína, mostrada na abertura desta matéria, engordam. Mas se 40 por cento de suas terras são de cerrado, outro tanto situação de cerrado, outro tanto situação de cerrado. E daí vem uma grande produção de arroz. Um bom pedaço de Cristalândia, que bate no rio Araguaia, está dentro do Parque Nacional do Araguaia, incluindo a ilha do Bananal (Edward só acariava a Nikon e te-leobtejava a 400 milímetros, só não esperava tanta água). Na ilha, acontece a saga (ou o fenômeno) dos "retireiros", no verão, quando não chove no Cerrado, os fazendeiros passam todo seu gado para "retireiros" na ilha do Bananal. Assim nunca lhe falta o alimento.

Em seu gabinete, no Palácio dos Cristais - a sede da prefeitura, com as colunas recobertas por pedras de cristal - o prefeito Manoel Reis Chaves Cortez (PMDB), falou do potencial da área de Varjão. O polêmico projeto Rio Formoso, implantado pelo Estado e entregue a iniciativa privada, para a produção de arroz e soja, com sede em Formoso do Araguaia (ao Sul de Cristalândia) está mostrando resultados. E está em vias de implantação o projeto Javanes, em que o governo dá apenas apoio (infra-estrutura, tecnologia) para a produção de uma área muito maior, que pode ter por sede Cristalândia.

O prefeito (que construiu a fonte luminosa, obra de culto ambiental) é adepto do mitúrio, em um dia de sol comandando a construção da quadra de esportes de uma escola. E candidato a governador do Tocantins? "Depois terminarem os mandatos sou candidato de vereador a governador - diz Cortez. E apresenta estas ponderações, dando o tom do que outros políticos, e mesmo João Abrão Halum, da UDR, de Araguaína, acham sobre a instalação do novo Estado.

Indios estão em pé de guerra

Os Javanes andam revoltados mas ninguém a bordo sabia disso, para o Sul desde Duara). Durante a Guerra, nos primeiros anos da década de 40, a cidade fundada por garimpeiros exportou seu cristal - estratégico para a indústria bélica - para os Estados Unidos. Mas com o fim da guerra o interesse diminuiu. Hoje alemães e japoneses compram para fabricação de plástico, engordão, no pouco que mal dá para sustentar uns poucos garimpeiros persistentes. Mas os primeiros garimpeiros, enriqueceram. Muitos são hoje donos de fazenda - criadores de gado.

Esta não é uma época boa para se visitar o Parque Nacional do Araguaia, criado na ilha do Bananal - formada por sua vez, pelo rio Araguaia, a Oeste e, por um braço do Araguaia, pelo Javanes e pelo Formoso, a Leste. As chuvas tomaram as estradas da ilha intran-sitável. As praias à beira dos rios inchados desapareceram (e os jacarés perderam seus solários). Mas a fauna rica (ameaçada pela destruição da ilha) dá esses ares. A garça, o carcará, o gracioso socó, o grande jaburu - essas aves tão belas - surgem com frequência. Edward, instalado na carroçaria da canoa, chama o imperador da ilha, lembra um caçador de se-fari. Se fosse, teria que ter cuidado com o IBDF - mas não muito.

Em Barreira da Cruz, às margens do Javanes - do outro lado do rio está a ilha - há um posto flutuante do IBGE, com dois agentes de defesa florestal. São esses dois, mais outros nove em outro ponto do rio e dentro do Parque Nacional, na ilha. Os onze para fiscalizar 562.312 hectares. O barco a motor do posto flutuante está desativado. O rádio não fala. Os agentes fazem o que podem contra caçadores que encontram na ilha a onça-pintada, a suzuarua (onça-vermelha), o cervo, o lobo-guará, anta, veado. Mas não podem quase nada.

O dono do único barco a motor, de Barreira da Cruz (é de uma das quatro casas do lugar) está viajando. A balsa que atravessa para a ilha, tarde ou cedo aparece. Levá a 23 toneladas mas mesmo vazia, não faz nem dez quilômetros. Nomeações para Tribunal de Contas, autuções em bancas, secretarias de Estado... O Pado deve ser criado agora, mas pode ser pelo ano que vem, ou por 1990, para eleger seu governador.

Nomeações para Tribunal de Contas, autuções em bancas, secretarias de Estado... O Pado deve ser criado agora, mas pode ser pelo ano que vem, ou por 1990, para eleger seu governador.